

# REPUBLICA DE WEIMAR: ALEMANHA 1919-1933

Sylvia Lenz de Mello\*

---

**Resumo:** Demonstrar os antagonismos políticos e sociais da Alemanha pós-guerra, na transição do governo imperial para uma social-democracia multifacetada, lembrando que a industrialização deu-se sem ter, à frente do poder político, uma burguesia forte e liberal.

**Unitermos:** Weimar; tradição; parlamento; socialismo.

---

*Rosa Luxemburgo enfatiza uma dimensão ética: a obrigação moral de se lutar por um sistema social mais humano. O progresso da humanidade está inevitavelmente ligado à virtude moral. (Luxemburgo, 1983:34)*

## Introdução

O governo imperial alemão, ainda que parlamentar, centralizava o poder nas mãos do imperador prussiano, desde a sua unificação, em 1871. Apesar do Parlamento contar com um chanceler, este era nomeado pelo imperador, segundo critérios pessoais.

No entanto, com os descaminhos da I Grande Guerra, o poder do imperador é anulado e o de seus aliados - os grandes proprietários, a

---

\* Professora do Departamento de História- Universidade Estadual De Londrina - Londrina/PR

rica burguesia e os funcionários públicos de alto escalão - passa a ser controlado. Em primeiro de outubro de 1918, diante das sucessivas derrotas sofridas pelos alemães e a insatisfação crescente dos soldados, o Estado-Maior das Forças Armadas sugere ao Chanceler Max de Bade a formação de um novo governo para tratar do armistício.

De 3 de outubro a 9 de novembro de 1918, o parlamento tem uma maioria de representantes social-democratas a favor do fim da guerra desde 1917, além de progressistas e católicos. Estes delegados procuram fazer algumas reformas inadiáveis na antiga Constituição imperial: o parlamento passa a ter mais atribuições além de ter as decisões militares submetidas ao seu controle. O governo alemão continua a ser uma monarquia parlamentar, mas o poder do velho imperador é contido pela maioria social democrata e progressista (Rosenberg, 1961: 5-7).

Embora o novo chanceler, Friedrich Ebert, declare no Parlamento, em nome do Partido Social Democrata, que a Alemanha ruma em direção à paz, saindo de um Estado autoritário para um Estado popular, na prática a situação difere do discurso. As reformas sociais empreendidas de maneira assaz cautelosa e não radical, como na Rússia revolucionária, não conseguem conter a insatisfação popular.

Pessoas que haviam sacrificado seu cotidiano por conta de uma guerra cruel e insana, precisavam de muito mais do que de algumas poucas reformas sociais. Afinal, famílias inteiras foram desmembradas para enviar maridos e filhos ao *front*. Na produção econômica, houve escassez de matéria prima e de mão-de-obra. Predominaram nas fábricas, inclusive no horário noturno, o trabalho feminino, enquanto os homens morrem, miseravelmente, nas trincheiras e frentes de batalhas. Como há falta de homens também no campo, a produção agrícola diminui sensivelmente. Desta forma, o governo é forçado a adotar medidas de racionamento alimentar: dois quilos e meio de batata, um ovo e vinte gramas de manteiga por semana...

A queda da produção têxtil fazia-se notar nas roupas velhas e rotas de soldados e trabalhadores (Richard, 1983:13-17). Some-se aos quatro anos de desabastecimento de produtos e de sacrifícios da população, a derrota jamais imaginada - e muito menos aceita - de uma

guerra com pretensões imperialistas. Tanto sofrimento subtraindo anos de uma existência que passa, naquele momento, a não ter mais sentido.

A Grande Guerra finalmente acabou, mas os traumas dela decorrentes são muitos: um saldo negativo de 1,8 milhão de almas sacrificadas nos campos bélicos; soldados mutilados mendigando pelas ruas; ex-combatentes em busca de trabalho aumentando drasticamente a fila dos desempregados. Além do aspecto moral de uma nação derrotada, reduzida territorialmente e obrigada a muitas deveres para com os países vencedores, a assinatura do armistício em Versalhes repercutiu de forma avassaladora e humilhante para os alemães.

### **A revolução Spartakista**

O Estado alemão só se forma em 1871 sob a liderança e autoridade prussiana do chanceler Otto von Bismarck, responsável também pela sua unificação, na forma de um governo monárquico parlamentar. Então, também se forma o Partido Social Democrata, numa época em que os partidos começam a ter mais importância do que os parlamentos, demarcando as rupturas políticas que caracterizam a época contemporânea (Monteiro, 1994:15-32).

No entanto, o poder do parlamento é minimizado pelo controle centralizador do Imperador que é inclusive responsável pela nomeação do chanceler. Agravando ainda mais o quadro autoritário deste governo, o estado prussiano dispunha do maior número de deputados no Parlamento.

Ao Imperador e seus colaboradores, não convém a atuação de partidos políticos que pudessem vir a contestar e a minimizar o poder da Prússia. Desta forma, Bismarck não permite a atuação do Partido Social Democrata até 1890. Só quando o chanceler prussiano deixa o poder, é que o partido poderá ser legalizado. Obviamente, com a crescente industrialização desencadeada durante o Império Alemão (1870-1918), as contradições do capitalismo vêm à tona no cotidiano de uma sociedade em profunda transformação. As reformas sociais empreendidas durante o governo imperial revelam-se mínimas diante

das idéias socialistas que se encontram em plena efervescência, não só na Alemanha, como em toda Europa ocidental e oriental.

Segundo A. Rosenberg, ex-militante do Partido Comunista Alemão, Ferdinand Lassale, fundador do Partido Social Democrata, teria seguido as teses de Marx e Engels, ainda que, após sua morte, em 1864, o partido venha a tomar outros rumos. Surgem, então, novas tendências políticas do Partido Social Democrata: a USPD - Partido Social Democrata Independente; os *Obleute* vinculados aos sindicatos e céticos de que uma social democracia pudesse realmente atender aos interesses da classe proletária; os Spartakistas, liderados por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht na tomada do Parlamento de Berlim em 1918.

Basicamente, a USPD lutava pelas suas reivindicações através de uma oposição passiva; os Spartakistas atuavam por uma revolução aberta e democrática com a criação de comitês soviéticos e os *Obleute*, por sua vez, lideraram os trabalhadores e soldados rumo à ocupação dos espaços governamentais no porto de Kiel e na capital, Berlim, seguidos de uma greve geral, viabilizando a proclamação da República Socialista (Rosenberg, 1961: 11, 22-23).

Berlim, 9 de novembro de 1918. Um dia repleto de tensões políticas, onde imperialistas, social democratas e socialistas entram em confronto. É quando as futuras tendências políticas podem ser vislumbradas; inclusive os nacional socialistas, militares saídos dos *fronts*, inconformados com o fim da guerra e com a derrota alemã. Destes, alguns já passam a ser sustentados pela alta burguesia e pelos *junkers*.

No dia anterior, os Spartakistas liderados por Karl Liebknecht, recém saído da prisão, distribuíram panfletos convocando os operários das fábricas e os soldados dos quartéis a participar da tomada do poder em Berlim. Outra distribuição é feita durante o turno matutino do dia nove. Dias antes houve, além do levante de marinheiros no porto de Kiel, uma greve geral em Hamburgo e a tomada do poder em Munique com a formação do governo social democrata independente - o USPD.

As rebeliões das outras cidades alemãs, a incitação dos *Obleute* e dos Spartakistas, encorajaram os trabalhadores berlinenses a saírem

das fábricas às nove horas da manhã e a rumarem da periferia ao centro de Berlim. No percurso, os trabalhadores entraram em quartéis, hastearam bandeiras vermelhas e libertaram prisioneiros políticos; em geral, sem enfrentar grandes resistências. Por fim, chegaram em frente ao Palácio, onde conclamaram Karl Liebknecht a ser o primeiro presidente da República Socialista, desarmando a guarda e hasteando a bandeira vermelha no lugar da antiga bandeira imperial (Longerich, 1992:4647).

Concomitantemente, os integrantes do Partido Social Democrata, temendo a revolução proletária, exigem do chanceler Max de Bade a renúncia imediata do Imperador Guilherme II, abdicação esta publicada às onze horas daquela mesma manhã (LONGERICH, P. 1992:34). Os social-democratas nomeiam seu dirigente, Friedrich Ebert, técnico de nível médio, ao cargo de chanceler. É proclamada, então, uma República Alemã socializante, enquanto nas ruas, também se comemora a brevíssima república socialista. Prevalece, no entanto, a primeira.

### **Um Estado em busca de sua definição**

Surgem, então, três possibilidades políticas no bojo do sistema de governo, *indefinido ideologicamente*:

- 1) uma democracia parlamentar burguesa;
- 2) uma monarquia militar do tipo prussiana;
- 3) uma democracia de Estado Popular-Democrático

No primeiro, configuram-se, já como detentores do poder, os representantes da social democracia; no segundo, há vários setores mais conservadores insatisfeitos com a derrota e o fim do império alemão - parte das forças armadas, os grandes proprietários e a rica burguesia temerosa de perder seus bens para os socialistas; o terceiro conta com uma minoria revolucionária, fragmentada em vários partidos ou facções.

Em 16 de dezembro de 1918, Rosa Luxemburgo, lança o programa da Liga Spartakista. Rompe com os social democratas independentes, cuja maioria se reaproximara dos social democratas deixando de

atender assim, aos princípios básicos da revolução. Duas semanas depois, no congresso com representantes de várias facções da esquerda, é fundado o Partido Comunista Alemão. Neste congresso, os delegados decidem, por votação, o boicote às eleições para deputados da Assembléia Nacional Constituinte. Afinal, entendem que esta já representa, em si mesma, o próprio sistema capitalista burguês.

Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht são contrários ao boicote. Entendem que tal posição do Partido Comunista poderia se configurar como golpe de Estado num momento crítico para a revolução socialista que mal fora implantada na Rússia. Preocupada antes com o destino das classes do que com o das nacionalidades, Rosa alerta que não interessa à Internacional Socialista oferecer pretextos que levassem os países vencedores a se associarem com a direita alemã para combater o comunismo na Rússia.

Rosa sempre se posicionara contra os métodos ditatoriais empregados por Lênin e Trotski na Revolução Bolchevique. Idealizava um socialismo não imposto pela violência, mas pela via democrática e libertária em nível institucional e gradualmente pela conscientização dos trabalhadores. Rosa e Karl sabiam que o povo alemão, recém saído de uma monarquia absolutista de fato, ainda que não de direito, já se encontrava relativamente satisfeito com a recente implantação da social democracia no poder (Rosenberg, 1961: 23). Derrotados neste congresso, Rosa e Karl são, duas semanas depois, brutalmente assassinados pelos *Freicorps* - uma prévia da violenta repressão que estava por vir.

Já em 23 de novembro de 1918, são anunciados dois partidos cujas aspirações voltam-se antes aos interesses políticos da nação do que às emergentes questões sociais: O Partido Populista e o Partido Popular Nacional Alemão. Pouco depois, será fundado, também, o Partido Alemão dos Trabalhadores, no qual Adolf Hitler ingressará meses mais tarde.

Estes partidos, com algumas poucas diferenças, representam a insatisfação da ala conservadora que deseja a volta da monarquia. Não pretendem alterar a formação social embora mantenham algumas reformas básicas de modo a atender às reivindicações tanto do

operariado quanto da pequena burguesia representada por burocratas, artesãos e soldados desempregados. Estes sentem-se úteis como Freicorps na violenta repressão que empreendem, junto com voluntários vindos de outros segmentos da sociedade, a quem quer que se rebele contra o governo. Exterminam grevistas, contestadores, líderes e representantes socialistas e esmagam todas as sublevações que surgem em diversas regiões da Alemanha.

Afinal, a 19 de janeiro de 1919, sob as vistas do exército, e com a participação inédita do voto feminino, são realizadas as eleições para os deputados da Assembléia Nacional Constituinte. O novo parlamento é composto por 163 delegados social-democratas; 125 representantes de diversos partidos e 44 deputados do Partido Popular Nacional Alemão. Levando-se em conta a não participação do Partido Comunista nestas eleições, entrevê-se a tendência antes ao liberalismo e ao nacionalismo do que ao socialismo na composição parlamentar.

No entanto, o líder do Partido Social Democrata declara na abertura do congresso em Weimar que o poder passara à classe operária. Desta forma, a estratégia deste partido já é a de seguir por uma *terceira via*, situada entre o comunismo e o capitalismo. Ou seja, realizar reformas sociais que não agredissem as tradições culturais e o conservadorismo alemão ao mesmo tempo em que atendessem às exigências sociais mínimas do trabalhador: a via do futuro nacional socialismo.

### **Ostentação e miséria**

Sucedese um período político conturbado, pleno de antagonismos sociais e de profunda crise econômica: lado a lado convivem a fome, o desespero e a miséria com a riqueza, as drogas e a luxúria. Enquanto, em 1923, a maior parte da população recebe o bônus desemprego de 2,5 bilhões de marcos por semana - o pão custa 1,5 bilhão - além das sopas, uma minoria, aproveita-se da crise extraindo-lhe todas vantagens possíveis. Os bancos ganham com a especulação financeira fomentando a inflação diária, as grandes indústrias investem em equipamentos novos, os fazendeiros - *junkers* - compram modernas

máquinas agrícolas, os comerciantes de artigos de luxo enriquecem-se com produtos vendidos aos estrangeiros em moeda norte-americana (Richard, 1983: 94-102).

Da parte do governo há, inicialmente, uma escassez de recursos para obras sociais, embora, a partir de 1923, advenham recursos obtidos através dos empréstimos concedidos pelos Estados Unidos para investir em vários tipos de redes de comunicação e de integração: estações de rádio e telégrafo, rodovias e ferrovias. No entanto, a população alemã continua desempregada, subnutrida e sem o poder da palavra e da ação. Afinal, quem se opõe é violentamente reprimido. Para os capitalistas é o momento oportuno para acumular ainda mais; para quem não tem só resta esperar por tempos melhores, como sempre propagam os liberais.

Quando o governo não se dispõe mais a conceder bônus de desemprego e sopas aos trabalhadores sem ocupação, planeja obras públicas como forma de atender à gritante situação de desalento que se criara em meio à população. Após a crise de 1929, faz-se necessária a intervenção do Estado na economia e, na falta de mais obras públicas, lança-se mão da indústria bélica. Em 1933, quando o general Hindenburgo, que fora o último herói da propaganda bélica do imperador Guilherme II, nomeia Adolf Hitler para chanceler, confirma que a Grande Guerra, pelo menos para a ala conservadora, não findara, somente cessara para se reordenar e voltar com mais força. Desde o início dos anos 20, o fascismo já governava a Itália além de ensaiar a tomada do poder em alguns países periféricos da Europa (Droz & Rowley, 1986: 221).

### **O modernismo reacionário**

Assim que a Alemanha se unifica, toma-se, em curtíssimo prazo, uma potência industrial e bélica. Este desenvolvimento era fomentado pelo Estado recém-formado que, no entanto, não conseguia dar conta dos inúmeros problemas sociais inerentes a uma sociedade industrial. Com o declínio das corporações de ofício e das manufaturas, devido à concorrência das grandes companhias de comércio e das indústrias, o



trabalhador vê-se atrelado a uma rotina alienante e sem perspectivas. Nesta época, também, aumenta o número de trabalhadores de colarinho branco, ou seja, funcionários públicos e burocratas.

O novo capitalismo monopolizador que se instala na Alemanha, atropelando as etapas de capitalismo comercial e industrial, é visto com desconfiança por um povo de cultura milenar. Um povo repleto de mitos, de tradições, de hábitos centenários. Com o fim da Grande Guerra, os alemães encontram-se num estado miserável e derrotado, sem ter à sua frente, a figura imponente do Imperador, representante mor da tradição germânica, obrigado, que fora, a renunciar. Perplexo diante de uma derrota inaceitável, o povo, tende a negar o progresso e o desenvolvimento industrial e financeiro da época imperial para voltar-se às tradições bucólicas, medievais e românticas.

Surgem, então, vários ideólogos que, confusos com a época em que vivem, atacam o capital que acreditam ter pervertido os corretos e bons costumes dos alemães além de jogá-los a um cotidiano vazio, cinza, impessoal e mundano. Entendem que esta forma de viver é exterior a eles, viera imposta de fora favorecida por aqueles que haviam traído a pátria e fundaram a República de Weimar - em sua grande maioria, os social democratas. Por outro lado, compreendem que, diante da conjuntura internacional, não podem descartar o desenvolvimento tecnológico. Afinal, só um Estado desenvolvido e belicamente forte pode vir a não acatar as imposições do Tratado de Versalhes.

Unindo assim, a antiga tradição cultural alemã a um confuso culto à tecnologia moderna, a camada intelectual do período Weimar tem uma formação teórica duvidosa que vai caracterizar aquilo que J. Herf denomina de modernismo reacionário. Ou seja, um desenvolvimento tecnológico que se dá de maneira rápida e sem a participação da burguesia, uma vez que o Estado que fomentara a industrialização era aristocrático e de bases sociais agrárias. Afinal, tanto na Inglaterra de monarquia parlamentar como na França republicana, dera-se a passagem do poder da aristocracia para a burguesia, formando a base ideológica que permitiu o avanço do progresso tecnológico, com todas as implicações sociais e culturais dele decorrentes, em direção ao liberalismo econômico (Herf, 1984:13-30).

## Conclusão

As três tendências principais da política alemã emergentes em fins dos anos de 1918 demonstram como destas, somente duas participaram não só de fato como também de direito no governo político do período denominado República de Weimar. Além dos socialistas, posteriormente formadores do Partido Comunista Alemão, optarem por não participar das eleições à Assembléia Nacional, acabaram sendo violentamente reprimidos e subjugados.

Neste sentido, tiveram uma atuação rápida, porém marcante, no momento em que, ao final da monarquia imperial, organizaram os trabalhadores e soldados na breve ocupação da sede governamental. Existiram e atuaram devido ao exemplo do proletariado russo e à ideologia marxista, como também às circunstâncias econômicas e sociais agravadas e desgastadas por uma guerra que lhes consumira tanto o espírito como o corpo.

A República de Weimar representou um período marcado pela negação das idéias sociais progressistas para firmar suas bases numa *terceira via* criada por setores da sociedade inconformados tanto com a perda da Grande Guerra e com as humilhações sofridas no Tratado de Versalhes, como atemorizados pela possível perda de seus bens em função de uma possível revolução socialista na Alemanha. Desta forma, a social democracia alemã, atrelada ao conservadorismo remanescente da época do império e à emergente ideologia do modernismo reacionário, viu seus princípios intrínsecos culminarem na sua expressão mais radical e violenta: o nacional socialismo de Adolf Hitler.

## Referências Bibliográficas

- HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário*. São Paulo:Ensaio/Campinas: Unicamp, 1993.
- DROZ, Bernard; ROWLEY, Anthony. *História do Século XX*. vol. I Lisboa: Dom Quixote, 1988.

MELLO, S. L. *Republica de Weimar*.

LONGERICH, Peter. *Die erste Republik. Dokumente zur Geschichte des Weimarer Staates*. R. Piper: Munchen. 1992

LUXEMBURGO, Rosa. *Camarada e amante: cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogisches*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MONTEIRO, Geraldo. "Dos limites da Contemporaneidade" *Contemporânea*, v. 1, nº 1, 1994. pp. 15-32.

RICHARD, Lionel. *A República de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROSENBERG, Arthur. *Geschichte der Weimarer Republik*. 19ª Auf. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1961